

Arquivo

Sistema de Patrulhas



<https://chamaescoteira.wordpress.com>
Mauricio Volkweis - Arquivos Roth

*União dos Escoteiros do Brasil
Mauricio Volkweis
chefe de grupo coruja*

UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL
CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ESCOTEIROS DE TERRA
FEDERAÇÃO RIO GRANDENSE DE ESCOTEIROS

SISTEMA DE PATRULHAS

Tradução e Adatação de
DAVÍ M. DE BARROS

3.^a EDIÇÃO
Autorizada pela U. E. B.

<https://chamaescoteira.wordpress.com>
Mauricio Volkweis - Arquivos Roth

PORTO ALEGRE
1941

P R E L I M I N A R

O "Sistema-de-Patruilhas" é o título desta pequena obra que, debaixo de aparências muito modestas, contém a explicação do segredo para obter êxito na aplicação das ideias de Baden-Powell.

Marca-nos a orientação definitiva do método e completa a trindade de seus elementos fundamentais, trindade que deve formar um todo indissolúvelmente unido.

Até o momento de ser publicado o "Sistema de Patruilhas", o livro de Baden Powell só incompletamente podia ser utilizado e não se podia desenvolver em toda a sua intensidade.

Por esta razão, parece-nos que os escoteiros devem render um cordial reconhecimento a Roland Philipps, tanto mais que este, por seu caráter, sua delicadeza e sua sensibilidade, tem demonstrado certa afinidade com a nossa raça. E', em todo o caso, a inteligência mais notável que se revelou, até ao presente momento, entre todos os discípulos anglo-saxões do mestre.

A aplicação do Sistema tem produzido resultados interessantíssimos, cada vez que sua utilidade tem sido explicada e adotada por um chefe inteligente.

Grande número de chefes de tropa e outras pessoas não reconhecem, à primeira vista, todo o partido que se pode obter do “Sistema-de-Patrolhas” se não o veem praticar.

O “Sistema-de-Patrolhas”, como sabeis, consiste em dispor vossos rapazes em grupos permanentes sob o comando de um deles, que é o chefe da patrulha, o monitor.

Para obter os melhores resultados deve-se dar ao monitor plena e absoluta responsabilidade. Se não se lhe concede mais do que uma responsabilidade parcial, só se obtém resultados parciais.

Utilizando assim os monitores para secundar o chefe da tropa, evitar-se-á a este muito trabalho e a perda de tempo ocasionada pelos pequenos detalhes, desse mesmo trabalho.

Sem embargo, a vantagem do Sistema não é, precisamente, evitar trabalho ao chefe da tropa, senão oferecer ao rapaz, com a responsabilidade, o melhor meio de formar seu caráter.

A patrulha é a unidade natural formada pelos rapazes, seja para realizar qualquer de suas ocupações.

O rapaz que revela mais caráter, chega a ser reconhecido, tácitamente, por seus camaradas como chefe.

Aplicai este Sistema a nossos fins e nos dará excelentes resultados.

O chefe da tropa indica as linhas gerais a seguir e as patrulhas rivalizam entre si para desenvolver seus planos desenvolvendo suas mais interessantes qualidades.

O SISTEMA-DE-PATRULHAS

O “Sistema-de-Patrolhas” consiste em agrupar os rapazes escoteiros em turmas permanentes sob a direção e responsabilidade de um rapaz-chefe.

Isto oferece, à primeira vista, uma completa analogia com a organização militar: a esquadra e o cabo. Porém, os que se puserem a ler atentamente as páginas que se seguem, darão conta da diferença que existe entre uma e outra coisa.

Graças ao “Sistema-de-Patrolhas” o Escotismo não morreu na Inglaterra durante a guerra. Na França deu excelentes e provados resultados em todas as tropas dirigidas por chefes que possuíam aptidões e qualidades de educadores.

Sem o “Sistema-de-Patrolhas” o Escotismo é como outra qualquer obra: não se diferencia notavelmente de outras obras de educação da Juventude.

Importa, pois, se se quer obter dele o máximo de resultados, considerar este sistema como um dos pontos capitais do método escotista.

O MONITOR E O SUBMONITOR

É aqui, na patrulha, que um grupo de oito rapazes, desde a sua entrada na coletividade, aspiram merecer o título de escoteiros.

Como a patrulha deve constituir uma unidade para o trabalho, jogos e toda a espécie de ocupações, é essencial que um escoteiro "capaz" seja investido com a autoridade de chefe de patrulha (monitor).

A palavra "capaz" não quer dizer sábio, habil. Significa sómente capacidade para a direção e chefia.

As qualidades de chefia e direção, são, em parte, naturais e, em parte, adquiridas.

Por perfeito que seja um rapaz não se pode esperar que desempenhe com êxito as funções de monitor, se não possui algo dessa qualidade particular que seduz os companheiros e que constitui a "personalidade".

Se um rapaz tem de ser nomeado monitor, é conveniente que não seja o mais jovem. É aqui se suscita a questão relativa ao limite de idade para ser monitor.

Hoje existe uma excessiva tendência tornando os regulamentos e as generalidades muito definidas e assim encontramos coisas demasiadamente absolutas.

Certamente a lei é necessária; porém, todo o regulamento, principalmente em escotismo, deve ser feito de

modo que deixe ao senso comum a possibilidade de ter em conta as circunstâncias e as necessidades do momento. Dizer que um monitor não deve ser muito jovem, não quer dizer que um rapaz de doze anos não seja capaz de substituir, satisfatoriamente, a um rapaz de dezesseis anos.

Isto significa que, geralmente, um escoteiro não pode chefiar companheiros de mais idade do que ele. E não obstante, a experiência tem demonstrado casos em que precisamente o contrário tem dado resultados satisfatórios. Isto depende, por uma parte, do caráter dos escoteiros, e, por outra parte, do valor pessoal do monitor.

Porem, geralmente, os rapazes não obedecerão a um mais jovem que eles, ainda que seja capaz. Obedecerão melhor a um de mais idade, ainda que não seja tão capaz. Aquí os músculos exercem grande influência sobre o cérebro. Os rapazes sentem grande admiração pelos "biceps"; o cérebro lhes interessa menos. Por isso, um monitor que saiba apertar fortemente a mão de um noviço para o felicitar, será mais respeitado que outro monitor que dedique toda uma instrução a iniciá-lo nos mistérios dos postos e insígnias.

Nesta ordem de idéias, pode-se pedir que precisemos em que idade é conveniente dar por terminado a direção de uma patrulha por um rapaz; porem, não é possível dar uma resposta categórica.

A experiência ensina que uma patrulha progride tanto quanto o seu guia possua o afeto e o respeito de seus escoteiros. Também a experiência prova que um rapaz concede sua confiança com melhor vontade ao que

tenha pouco mais do que sua idade. E tenha-se em conta que entre os jovens de doze a catorze anos a mais pequena diferença de idade (dois e três meses, por exemplo) se reveste de importância muito maior do que entre os homens.

Um jovem de dezenove anos não julgará as faltas, os esforços, nem os êxitos dos escoteiros mais jovens senão de um modo inteiramente diferente do que quando ele tinha a mesma idade que estes; noutras palavras: não os compreenderá. Nunca terá o mesmo interesse em participar de seus jogos, nem de suas diversões.

Destas reflexões deduz-se que a idade normal para um monitor oscila entre treze e dezoito anos. Porem, repetimos: a exceção confirma a regra e como dizia um chefe: "o essencial é sentir o amor, a vocação e o gosto do cargo".

De todos os modos ainda que o monitor chegue a possuir todas as qualidades necessárias, qualidades naturais desenvolvidas por alguns meses de prática, o trabalho de direção de uma patrulha é demasiado importante para que um rapaz possa desempenhá-lo inteiramente por si só.

É preciso um submonitor.

O submonitor é escolhido pelo monitor entre os escoteiros de sua patrulha, para ajudá-lo e substituí-lo nos casos de ausência. É importantíssimo que o monitor e o submonitor cooperem íntimamente, compenetrados de seus deveres.

Por esta razão os chefes das tropas escoteiras que escolhem os submonitores sem consultar os monitores, cometem um erro inicial, muito difícil de corrigir depois.

Um chefe escoteiro poderá discutir com o monitor sobre a designação do submonitor; porém, se não consegue convencê-lo com seus argumentos, não deve usar de sua superioridade para nomear o submonitor contra a vontade do monitor.

Baden Powell é de parecer que a escolha do submonitor deve ser inteiramente confiada ao monitor. Aconselha também que não é inútil, às vezes, deixar cometer um erro sobre este ponto.

Em virtude do princípio que diz: "Todo o chefe da equipe deve escolher o seu segundo", importa afirmar que só o chefe da tropa deve nomear os monitores.

O "Sistema-de-Patrolhas" só dará bons resultados quando, mediante um organismo especial — o conselho dos monitores — a atividade das patrulhas receba seu impulso a grandes traços, de um pensamento diretriz que só pode ser, como o demonstra a experiência, o do chefe da tropa escoteira.

Este último não poderá exercer toda a sua ação sobre os monitores se não tem confiança neles e não conta com a sua confiança, isto é, se não os nomeou.

Por esta razão tende-se cada vez mais a suprimir a eleição de monitores por votação dos escoteiros.

Estas votações podem conduzir a designar para tais cargos elementos incapazes ou turbulentos que não podem fazer nada de útil. O chefe da tropa, desacoroçado, reconhece então que este procedimento produz a anarquia. É anarquia, com efeito, pois isso não é interpretar bem o "Sistema-de-Patrolhas".

É também, censurável, em alto grau, adotar um exame especial para designar o monitor porque, repita-

mos, é o espírito e a personalidade do rapaz e não a sua competência técnica, o que influe poderosamente no posto de monitor.

Em certas tropas escoteiras procede-se à designação de monitores por um ano, variando-os no princípio de cada ano. Justifica-se este procedimento dizendo que ele permite eliminar os que não servem.

Sustentamos, o contrário, pois que isso só o chefe da tropa pode julgar.

O chefe da tropa tem o direito e o dever de demitir os maus monitores de suas funções sem atender a que se tenha cumprido a anualidade para que foram nomeados. Os outros monitores serão os primeiros a aprovar esta medida.

Podem ocorrer erros e abusos do chefe da tropa, se este não é suficientemente psicólogo para discernir com acerto qual é o melhor rapaz a designar; porém, então, o caso de uma má escolha (geralmente rara) significará pronta e unicamente que o chefe da tropa carece de condições para desempenhar seu cargo.

Em algumas tropas observa-se a deplorável prática de os chefes e instrutores corrigirem e repreenderem os monitores em presença dos demais escoteiros, ou a estes, prescindindo em absoluto do monitor. Uma e outra coisa só conduzem a desprestigiar o monitor e a diminuir sua autoridade sobre a patrulha.

De efeitos infinitamente mais perniciosos é essa mesma deplorável intervenção quando parte de membros de diretoria, ou de sócios protetores, como acontece com tristíssima frequência.

Tambem é comum dar muito pouca importância ao submonitor, a respeito do qual não só não se põe cuidado algum na escolha, como nunca se procura que seja de absoluta confiança do monitor, com quem deve estar intimamente ligado.

Junte-se ao exposto o procedimento anti-pedagógico, irracional e desmoralizador de conceder estes pontos a rapazes "distintos", isto é, aos filhos das pessoas importantes da localidade, ou dos membros da diretoria, chefes e instrutores.

Fazer qualquer destas coisas é desconhecer em absoluto os mais mezinhos elementos de escotismo e não ter nenhuma noção da ciência educadora.

<https://chamaescoteira.wordpress.com>
Mauricio Volkweis - Arquivos Roth

O COMANDO DA PATRULHA

a) — *Conselho para os Chefes de tropa:*

Há chefes de tropa que dizem: "Nomeei meus monitores segundo as regras de Baden Powell; porem são incapazes de comandar praticamente. Na realidade, tenho de exercer eu mesmo, o comando".

A isto contestamos, simplesmente, que o trabalho essencial de um chefe de tropa é ver se seus Monitores são capazes de exercer o comando. Sua missão é incutir-lhes o modo de aprender a comandar.

A teoria, por si só não inspira nenhum respeito, porem, um rapaz que a conhece melhor que seus companheiros e que sabe impor-se quando chega a ocasião, reconhece-se forte e assim é considerado pelos outros. Isto é, o que deve ser um Monitor. Tal rapaz, se não existe pode ser formado. É necessário proporcionar-lhes meios de adquirir esses conhecimentos e isso pode ser de três modos:

Pela experiência pessoal.

Pelos conselhos e pelo exemplo.

Pelos livros.

O livro não é, certamente, o método ideal para formar Monitores; porem, é um complemento indispensa-

vel. Todo o chefe-de-tropa deve considerar como um dos seus primeiros cuidados organizar na sede da tropa uma biblioteca para monitores e procurar que se saibam servir dela.

E, aqui devemos reafirmar, de uma vez para sempre, que o que se diz sobre o Monitor refere-se também ao submonitor. Praticamente, numa boa tropa, estes dois postos são a mesma coisa com levíssima diferença. Um submonitor deve estar preparado para, em todo o momento, substituir o monitor.

O êxito de uma biblioteca depende muito de sua apresentação. Recomendamos instalá-la na sede social, ou melhor numa dependência da habitação do chefe da tropa, que receberá em família os monitores uma vez por semana. Alguns desenhos escoteiros nas paredes para adornar a sala; um catálogo claro e em dia; não é necessário mais para iniciar os monitores nas suas leituras uteis.

Pode-se julgar um chefe pela quantidade de livros que tem e, também, pela quantidade de pó que os cobre.

Daremos uma idéia de uma biblioteca modelo para monitores.

Nela devem existir certos livros fundamentais que todo o chefe deve ler.

1.º — Manual do Escoteiro (Tradução do "Scouting for Boys" de Baden Powell).

2.º — Jornais e revistas escoteiras em publicação.

3.º — Alguns livros para rapazes (certas obras de Marden; novelas de Júlio Verne, bons romances de aventuras, todas as obras do grande escotista B. Cellini,

obras sobre os indígenas, traduções de Rudyard Kipling, Jack London, etc.)

4.º — Livros de Escotismo técnico: "O Guia do Escoteiro", de Velho Lobo; "Manual do Noviço", de Gelmirez de Melo; "Jogos Escoteiros", de Boto Velho; "Regulamento Técnico", da U. E. B.; "Manuais de 1.ºs Socorros", de "Sinalização", etc., e ainda os que as circunstâncias locais aconselharem.

5.º — Os livros de Escotismo brasileiro que vão aparecendo: "Escotismo e Internacionalismo", do dr. Bonifácio A. Borba; "Caminho para o Sucesso", de Baden Powell; "O Problema da alimentação racional e econômica do escoteiro", do dr. Bonifácio A. Borba; "Temas práticos para Pioneiros"; etc.

6.º — Todos os livros sobre Escotismo publicados em Portugal: "Para ser escoteiro", "Manual do Escoteiro", "Campismo", "Como dirigir uma alcatéia", "Sempre Pronto", "O gênio de Baden Powell", "Manual do Escoteiro do Ar", "Jogos e Distrações para a Mocidade", "Regulamentos", etc.

7.º — Uma coleção completa de todos os jornais de Escotismo.

Claro é que só apontamos as indicações gerais. É necessário, além disso, procurar o livro do dia, aquele que seja lido por causa de sua atualidade.

Outro conselho: fixar uma lista das últimas obras publicadas sobre determinados assuntos adequados, com o preço e nome do editor e, se é necessário, um breve comentário.

A obra colocada sobre a mesa é mais eficaz que aquela que se tenha de ir buscar no armário.

Os livros atraentes e recreativos são sempre bons.

Enfim se na tropa há um só escoteiro que conheça o idioma inglês ou francês, não vacilar em procurar-lhes livros de escotismo destas nações: toda a tropa se aproveitará deles.

De todos os modos, nenhum destes conselhos poderá substituir a iniciativa do chefe da tropa escoteira nem seu tato na escolha de leituras para seus escoteiros.

Depois dos livros vem os exemplos e os conselhos do chefe da tropa escoteira. Este é o meio de aperfeiçoamento mais importante.

É necessário que todo o monitor possa pedir conselhos ao seu chefe de tropa escoteira. Isto depende, somente, deste último.

Certos chefes de tropas escoteiras tem um dia especialmente reservado para a recepção dos monitores de suas patrulhas, seja na sede, seja na sua casa.

Não é necessário que o chefe da tropa seja uma enciclopédia ambulante; deve saber consultar os livros e as pessoas competentes e assegurar o concurso destas últimas para tratar daquelas matérias que ignore ou não conheça suficientemente.

Um bom monitor tinha esquecido como se fazia certo nó e não se atrevia a perguntar ao seu chefe por temor de que se risse dele. Isto, parece um pouco ridículo para o monitor, não fala muito em favor do chefe da tropa.

Por último, o rapaz aprende a noção do comando e direção pela experiência. É necessário por a prática de escotismo em primeiro lugar e evitar a todo o transe

que o monitor separado de seus escoteiros, até ao ponto de não participar de seus jogos e de seus trabalhos.

Em certos casos, o chefe da tropa constitue uma "Patrulha-de-Estudos", da qual ele é monitor e os graduados da patrulha são simples escoteiros. Isto é excelente sobre todos os pontos de vista. A grande dificuldade é fazer isso sem abandonar a tropa a si mesma. O melhor é organizar acampamentos periódicos dos monitores, ou consagrar um domingo por mês a uma saída da "Patrulha dos Monitores", que terá sua bandeira particular, e na qual os monitores adquirirão uma experiência, com a qual beneficiarão, em seguida, suas respectivas patrulhas.

Terminaremos dizendo que é necessário que o posto de monitor seja considerado como um aprendizado de chefe-de-tropa. O futuro da instituição descansa, em grande parte, sobre esta idéia.

b) — *Instruções para os monitores.*

Quando exercerá o comando um monitor?

A resposta é simples: SEMPRE.

Deve dirigir os jogos como "capitão" de seu partido; os trabalhos, as diversões, e também, sempre que seja possível, o ensino e a instrução. Dirige os "Conselhos-de-Patrulha", as saídas e excursões... tudo, enfim. Um bom chefe-de-tropa rara vez manda a tropa reunida. Dá suas ordens aos monitores e estes, com suas patrulhas, as executam.

Porem há que distinguir entre comando e comando.

O inepto dirá: "Muito cuidado! Isto é o que se tem de fazer. Tendes cinco minutos. Se não está feito, ai! de vocês!"

Um rapaz sem preparo dirá: "Os melhores vão fazer isto. Já podem fazê-lo."

Um bom monitor dará o "grito-da-patrolha" para reunir os escoteiros e dirá: "O chefe da tropa encarregou-nos de fazer isto. Eis aqui como é necessário fazê-lo e como se faz. Vamos lá. Façamos bem de pressa."

Reparai que ele não disse "trabalhai", senão "trabalhemos".

Mandar, jamais quer dizer escutar as ordens e não tirar as mãos dos bolsos senão para distribuir papéis ou serviços. Não; para mandar é necessário, simplesmente, indicar o trabalho que se tem de fazer e certificar-se que todos o fazem bem. Isto implica, então, em saber e poder fazê-lo por si próprio e ser capaz de ensiná-lo aos demais.

E não se pense que a autoridade diminua quando se sabe perder o tom autoritário e por mãos à obra se é preciso. Muito pelo contrário.

O comando exige também flexibilidade e tato.

Diante do teimoso, que crê saber tudo, é necessário ser categórico e seco. Ante o acanhado que nada sabe, nem tem idéia de sair de sua apatia, nem tem a iniciativa de mover um dedo sem que o mandem, é necessário ser enérgico sem ser agressivo, animá-lo, fazê-lo vivo com inteligência. Tal rapaz não obedece senão quando está sob a vigilância do Chefe. Aquele outro necessita que se lhe explique, ponto por ponto, o trabalho a rea-

lizar. Um terceiro opina que seria melhor fazê-lo de outro modo.

Pode-se encontrar o "novato" tímido que pode equivocarse; há necessidade de persuadí-lo e tirar-lhe esse temor. Se é, pelo contrário, um rapaz de iniciativa pode-se-lhe confiar uma missão e deixá-lo tranquilo, em liberdade, para que se desenvolva por si mesmo.

Há quem se agrade trabalhar só e outros preferem o trabalho repartido.

As ordens do monitor variarão, pois para um devendo expô-las de forma que mais convenha para fazer-se obedecer uns e outros. Para todos necessita "paciência".

Na realidade, tudo isto é difícil, porém, se aprende com a experiência. Demais, como o monitor apreciará mais tarde a sua patrulha pelo que terá aprendido com ela da vida social! Porque no fundo a patrulha, é a fábrica, em pequeno ponto, a miniatura da oficina, do atelier, da coletividade de que formará parte depois, durante a vida, e que talvez tenha de dirigir. E' em suma, o diminutivo de todas as coletividades em que depois há-de desenvolver sua atividade.

Uma grande qualidade para digir bem é a ordem. Um monitor que perde o tempo em procurar o lapis ou o extremo da corda, o encontrará de menos para fazer trabalho util. Temos observado que as habitações dos melhores monitores que temos conhecido são modelos de ordem e limpeza. O monitor deve dar o exemplo nisto, como em tudo.

O único meio de levar ordenadamente tudo o que se refere a uma patrulha é o emprego do "carnet" ou "Ca-

derno-de-Patrolha". Este deve ser bastante pequeno, para que o monitor possa levá-lo constantemente no bolso e com folhas bastantes para que possa conter o necessário. Será a documentação da patrulha reduzida ao mínimo.

Um bom "Caderno-de-Patrolha", é um tesouro inestimável, cuja perda constituiria uma verdadeira desgraça. A patrulha o guardará com carinho no seu arquivo.

Uma condição indispensável para mandar é conhecer a fundo os seus subordinados. Para isto não bastam as reuniões de tropa e as excursões. Há rapazes esplêndidos sob o uniforme, mas que são insuportáveis e grosseiros em casa, na escola, na oficina ou no emprego.

O monitor deve ir à casa de seus escoteiros para conhecê-los melhor e para conhecer os seus pais. Assim, pode-se também ganhar a confiança destes últimos e mostrar-lhes o Escotismo no seu verdadeiro valor.

O monitor deve saber em que estabelecimento está colocado cada um dos seus escoteiros e suas impressões sobre o trabalho que desempenham. Isto lhe revelará muitas coisas sobre a sua conduta fora da patrulha, suas tendências, etc.

Enfim, também, se pode aumentar o prestígio ante a patrulha desenvolvendo continuamente seus conhecimentos, suas aptidões, sua iniciativa, suas idéias próprias, seus recursos, em todos os momentos e que serão muito apreciados pelos rapazes.

Em resumo, para comandar é preciso: saber obedecer — conhecer o Escotismo — ter paciência — ter tato — ser ordenado — conhecer a fundo a quem se manda.

<https://chamaescoteira.wordpress.com>
Mauricio Volkweis - Arquivos Roth

A RESPONSABILIDADE DO MONITOR

A todo o posto corresponde evidentemente uma responsabilidade. O que manda sofre as consequências boas ou más de suas ordens. Isto ocorre, também, com os monitores.

Um rapaz que aceitasse este posto com a intenção de trabalhar o menos possível e de nunca convencer-se de seus erros, não seria digno de ser escoteiro.

Por consequência, desde que um escoteiro passa a Monitor tem a obrigação de cumprir seus deveres melhor do que nunca, de nada dizer sem que tenha refletido plenamente e de aceitar sinceramente as consequências de suas iniciativas.

O verdadeiro mérito não sabe dizer: *Eu tinha razão*, ainda que seja verdade. Sabe dizer, pelo contrário: *Enganei-me* quando assim acontecer. Isto não diminui o prestígio, porque "*únicamente os que nada fazem, nunca se enganam*". É à custa dos erros que se adquire a experiência. Contudo, se os erros são muito graves, ou se sucedem com demasiada frequência, não há autoridade possível. Porém, isto não pode acontecer a rapazes decididos e inteligentes, como devem ser os monitores.

Em marcha o monitor é o responsável pela direção a seguir, da fadiga de seus escoteiros.

No acampamento é o responsável pela abundância suficiente dos víveres, da água que permita beber, da salubridade do local da barraca, da ordem, com que se encontram colocados os equipamentos e objetos, de sua limpeza, da limpeza do terreno adjacente, etc.

Em exercícios ou jogos é o responsável pela forma com que sua patrulha os realiza.

Nos concursos é o responsável pelo êxito.

É o responsável pela uniformidade e apresentação de sua patrulha, pelo bom nome de sua tropa, em particular, e de todos os escoteiros em geral.

É responsável, enfim, de tudo perante o chefe da tropa que o escolheu como colaborador.

Esta responsabilidade pode parecer excessiva para um rapaz. Não obstante muitos a tem aceitado e a maioria a vai compreendendo à medida que se lhe explica.

Porem, há mais: O monitor é o responsável pela vida de oito rapazes, que depois serão homens.

Ingressando na sua patrulha aos onze ou doze anos, o jovem escoteiro não tem nenhuma visão exata do que será sua existência futura, não tem ainda vocação. Pouco a pouco, durante os anos seguintes, seus gostos e inclinações determinam-se, manifestando-se em atos que adquirirão caráter permanente. Vivendo alternadamente na escola ou oficina, por uma parte, e na sua patrulha por outro, cederá forçosamente a um destes meios. A patrulha é a única arma para defender o menino con-

tra a "influência da rua"; porem, a patrulha vale o que vale o seu chefe.

Todo o monitor, portanto, pode e deve compreender a ação decisiva que tem de exercer sobre cada membro de sua patrulha. Por exemplo, pela amenidade que saiba dar ao Escotismo pode influir na escolha da carreira, pode provocar resoluções enérgicas sobre o rapaz colocado num meio detestavel e fazer de um menino sem vontade um homem viril e enérgico.

Alem disso, o monitor deve ser previdente. Sabe que algum dia deve abandonar a sua patrulha por occupaões diferentes. Portanto, deve ter idéia de sua responsabilidade para conseguir que seu trabalho não se interrompa depois de sua partida, pelo que tem de preparar seu substituto. Para isso se unirá muito especialmente, a quem ensina e instrue na arte de mandar, de administrar, de combinar e... de triunfar.

Monitor e submonitor, devem ser dois inseparáveis, dois verdadeiros amigos que se ajudem nos seus trabalhos, que nada ocultem um ao outro.

Esta constante colaboração duplicará os resultados.

Um prevê o que o outro esqueceu. Aquele sugere uma idéia que o outro adapta ao seu programa, sob uma forma interessante. O trabalho deve achar-se, tambem, dividido.

Assim tudo caminha melhor e quando chega o dia da separação, o submonitor passa a ser o chefe, e a patrulha continua seus progressos para o ideal escotista.

<https://chamaescoteira.wordpress.com>

Mauricio Volkweis - Arquivos Roth

<https://chamaescoteira.wordpress.com>
Mauricio Volkweis - Arquivos Roth

O CONSELHO DOS MONITORES

O comando de uma patrulha não é tudo. Um monitor sente imediatamente o desejo de aperfeiçoar-se, e necessidade de apoio. Desta necessidade nasce o "Conselho dos Monitores". Atualmente, depois de várias etapas, o Conselho dos Monitores chegou, na maior parte das tropas escoteiras, que aplicam este sistema a produzir um rendimento máximo.

Este Conselho é a reunião periódica (geralmente mensal) de todos os monitores e submonitores. O chefe da tropa escoteira o preside. Na sua ausência substitue-o o subchefe ou instrutor mais antigo.

Em caso de ausência de ambos é costume que o presida o monitor de mais idade, porem, tambem pode presidir o monitor eleito, para cada caso, pelo Conselho. A ausência do chefe da tropa, por outro lado, é excepcional.

Na ausência do monitor, o submonitor tem as mesmas atribuições para discutir e votar, se é necessário.

Eis aqui uma forma geral e aproximada como pode decorrer uma das sessões deste Conselho:

a) — o Chefe da tropa escoteira abre a sessão com a leitura de uma passagem de um livro escotista, ou outro particularmente apropriado para os rapazes. A

esta leitura pode seguir um breve comentário. É conveniente, sobretudo nos primeiros tempos, que a leitura seja algum capítulo deste livro.

b) — em seguida procede-se à leitura da ata da sessão anterior, que deve ser feita pelos monitores que, um de cada vez, vai servindo de secretário, num livro especial e nunca em folhas soltas que se podem perder facilmente.

Toda a ata deve começar pela data, ordem do dia e lista dos presentes e dos ausentes, com ou sem motivo.

Termina com a assinatura do monitor que a redigiu.

Supérfluo será insistir na necessidade de nada esquecer, de não empregar palavras inúteis e de que seja clara para que todos a compreendam. A redação das atas é um exercício conveniente para aprender a ordenar as idéias e a expressá-las bem.

c) — cada monitor deve receber previamente uma convocação com a ordem do dia, ou assuntos a tratar. Além disso, uma vez começada a reunião, cada monitor faz uma breve relação sobre a atividade de sua patrulha durante o mês anterior, regularidade de assistência de seus escoteiros, conduta dos mesmos, etc., etc.

O Chefe da tropa proporciona este programa e indicações por escrito a cada monitor, fazendo-lhe verbalmente as esclarecimentos necessárias.

d) — depois ouvem-se as reclamações e advertências dos monitores, se as houver.

Os monitores devem se acostumar a tomar rapidamente a palavra e a serem breves. Não convem que fale sómente o chefe da tropa, pois deve conhecer a opi-

nião de seus colaboradores, e examinar atentamente as críticas de todos. Só por uma estreita colaboração entre os monitores e o chefe da tropa pode o Escotismo alcançar pleno êxito.

e) — pode, enfim, terminar a sessão uma discussão livre sobre qualquer ponto da Lei Escoteira, sobre um novo processo a adotar para qualquer prática; sobre um projeto, próximo concurso, etc., etc.

Não existe momento mais oportuno para que o Chefe da tropa escoteira possa entrar em contato com seus monitores, a-fim-de conhecer as suas idéias e seus sentimentos, inculcar-lhes princípios uteis e um exato conceito de todas as coisas.

Alguns Chefes de tropa invocam a falta de tempo de seus rapazes e justificam, desta forma, a falta dos Conselhos de Monitores. Isto é um erro. Se os monitores podem assistir às excursões cada domingo, basta regressar à sede um pouco antes, no dia da sessão, e realizar-se então o Conselho-de-Monitores, depois que se tenham retirado os outros escoteiros. Ou também, celebrar-se o Conselho-de-Monitores em pleno campo, durante a hora do descanso. Não esquecer que a realização destas reuniões aumenta a consideração dos escoteiros para seus monitores.

Em todo o caso, se por uma razão justificada não se pode reunir alguma vez o Conselho dos Monitores, o chefe da tropa escoteira deve reclamar de cada patrulha uma relação escrita da atividade desenvolvida no mês anterior e dar suas instruções para o mês seguinte.

Mesmo celebrando-se o Conselho, as instruções escritas, como se tem dito, são sempre uteis e evitam falsas interpretações e o Chefe pode consultá-las sempre

<https://chamaescoteira.wordpress.com>
Mauricio Volkweis - Arquivos Roth

Quando um escoteiro tiver cometido um ato de indisciplina, uma grave falta à sua promessa à Lei Escoteira, ou tenha demonstrado uma má vontade evidente, pode ser chamado a explicar sua conduta perante o Conselho-de-Monitores. Este, então, toma o nome de "Tribunal-de-Honra" e nele tomam parte sómente os monitores, sem serem admitidos os submonitores.

O Chefe da tropa escoteira expõe o ocorrido, ou vem-se as justificativas ou excusas do escoteiro acusado e este retira-se e em seguida se delibera sobre o castigo a impor-se. Este castigo pode-se revestir de várias formas:

Repreensão pelo chefe da tropa escoteira perante o Conselho dos Monitores ou perante toda a tropa escoteira formada.

Privação de comparecer a excursões ou instruções por mais ou menos tempo.

Suspensão temporária ou definitiva.

Recomenda-se que só se apliquem as punições que são admitidas pelo Movimento-Escoteiro nas suas disposições regulamentares.

O Chefe-da-tropa deve lembrar-se sempre que as punições demasiadamente enérgicas são prejudiciais à vezes e suscetíveis de desanimar um rapaz que poderá ter praticado a falta por estouvamento. A clemência

deve inspirar o espírito do "Tribunal-de-Honra", no caso de punição.

O "Tribunal" pode, também, reunir-se para recompensar a conduta de um escoteiro ou de um ato digno de elogio. A recompensa mais indicada é a felicitação perante a tropa escoteira e em alguns casos excepcionais, a inserção do texto da publicação no jornal da instituição.

Tenha-se também presente sobre este caso o que dispõe o Regulamento Técnico a-fim-de que as recompensas sejam aplicadas de acordo com o mesmo.

Em nenhum caso deve o Chefe da tropa discutir as decisões tomadas pela maioria destes Tribunais. Não obstante o direito de *veto* definitivo sobre as decisões do "Tribunal" e ainda que seja certo que quase nunca terá necessidade de exercê-lo, deve usá-lo, se necessário, com grande discreção, para não deixar em má situação a autoridade de que tal "Tribunal" deve estar investido.

<https://chamaescoteira.wordpress.com>
Mauricio Volkweis - Arquivos Roth

O ESPÍRITO DA PATRULHA

Os capítulos anteriores demonstraram como um monitor pode habilitar-se para a chefia. Falta agora criar o espírito da patrulha.

O espírito da patrulha, é a disposição moral, a atmosfera especial, o ambiente moral, em que a patrulha se desenvolve, cria entre seus escoteiros.

Sua presença manifesta-se até nas palavras mais insignificantes, nos atos e gestos de cada rapaz.

Deve ser de convicção de cada escoteiro, que ele constitui um elemento absolutamente indispensável para o bom funcionamento do todo, numa roda fundamental, porém, uma roda que pensa e age e que produziria um rendimento menos útil se não estivesse ligada às outras.

O mútuo auxílio e a abnegação são as virtudes principais que devem irradiar do espírito da Patrulha.

É necessário que cada escoteiro "sinta" que "sua Patrulha" deve ser a melhor e que faça todo o necessário para ter o direito de dizer com orgulho:

"Eu pertenço a essa Patrulha".

Nenhum rapaz deve ingressar numa Patrulha até que tenha prestado a Promessa, porque na Patrulha só entram escoteiros e ele não o é.

Baden Powell sugere uma cerimônia especial para a admissão de um novo escoteiro na Patrulha. Então já não é um rapaz qualquer, senão o que se converteu num “castor”, numa “águia”, num “tigre”, etc., etc. Seu primeiro cuidado deve ser aprender os hábitos e costumes do animal que serve de “totem” (emblema) à Patrulha, assim como o grito da mesma.

Este “grito-de-Patrulha” deve utilizar-se constantemente. Baden Powell diz: “Nenhum escoteiro está autorizado a imitar nem a usar o grito de uma Patrulha que não seja a sua”.

Nisto reconhece-se também a lealdade do escoteiro, porque um lobo é mentiroso se pretende fazer-se passar por um cordeiro. As palavras e a conduta de um escoteiro devem inspirar sempre absoluta confiança.

O novo escoteiro aprenderá também a assinar segundo as regras escoteiras, desenhando o emblema de sua patrulha e os demais sinais mundialmente aprovados.

Estes são os meios elementares para fazer germinar e arraigar profundamente o espírito da Patrulha. No Escotismo os mais pequenos detalhes tem importância extraordinária porque contribuem para criar o ambiente. Manifestarão um espírito superficial, aqueles que considerarem estes detalhes como puerís, ridículos ou inúteis.

Outro meio recomendado é que cada Patrulha tenha um lema em relação com o animal que lhe serve de “totem”, escolhido, se é possível, pelos próprios escoteiros. Os Tigres escolherão por exemplo “Na espreita”;

os Corvos: “Prometemos que não nos caçarão”; os Águias: “Sempre para a luz”; etc.

Enfim, os rapazes de uma Patrulha poderão inspirar seus atos em feitos ou histórias de certas coletividades humanas. Assim, os “Bisontes”, adotarão alguns costumes dos Peles Vermelhas. O chefe será o “Sachem”; o emblema, o “totem”; a Patrulha, o “Clã”; a tropa, a “tribu”; a barraca, o “wigwan”; etc., etc. Terão dansas de guerra, cantos de Patrulha, que se farão ao som do “tantam”. Suas ocupações preferidas podem ser: descobrir rastos, observar a natureza. Os “leões” se inspiram nos usos e costumes dos antigos cavaleiros. Para ser armado cavaleiro, será necessário obter o exame de primeira classe. Serão ageis nos esportes, tiro ao alvo, manejo de arco, etc., assim como em auxiliar os fracos.

Tudo isto contribue para imprimir uma feição em extremo *pinturesca* aos atos e práticas dos rapazes e a revestir as formas dos jogos.

O essencial é que cada Patrulha, adquira uma característica própria e que cada escoteiro tenha a consciência de possuir algum bom distintivo que os demais não tem.

Outro meio de incitar as Patrulhas para criarem uma individualidade, consiste em designar-lhe um local inviolável sempre o mesmo, tanto no campo como na sede; quer dizer, um pequeno departamento na sede da Tropa e uma parcela tão grande quanto se possa nos acampamentos, ainda que estes sejam de um dia só. As tropas ricas podem ter uma habitação especial para cada patrulha; porem isto não é indispensável. Uma

grande habitação basta. Cada Patrulha pode ter nela a propriedade de um pedaço determinado. Cada um destes cantos de patrulha recebe o nome: "Ninho-das-Águias", "Antro-dos-Leões", "Selva-dos-Cangurús", "Parque-das-andorinhas", etc. Os escoteiros decoram seus departamentos e cantos como lhes parece melhor.

Nestes departamentos a Patrulha começa por colocar uma armação para guarda seus bastões e seu armário para a pequena biblioteca particular. Também, em tal lugar, a Patrulha dedica-se aos trabalhos manuais, principalmente no inverno ou tempo de chuvas.

Pode-se objetar que algumas salas são tão pequenas que não é possível reservar nelas um lugar para cada Patrulha. Isto provará que o local não serve para a Tropa e que se tem de procurar outro. Também cabe a combinação de destinar estes locais às patrulhas, distribuindo-lhes os mesmos, segundo seu número e os dias da semana para que cada patrulha saiba que pode dispor de local em dia determinado antecipadamente.

<https://chamaescoteira.wordpress.com>
Mauricio Volkweis - Arquivos Roth

DISCIPLINA

Chegamos a um ponto importante na instrução das patrulhas.

O primeiro é adotar alguns princípios invariáveis que deverão ser observados em todas as reuniões. Por exemplo:

a) — O chefe da tropa escoteira cuidará de chegar sempre meia-hora ou quinze minutos antes da hora marcada para a reunião (seja esta para sair em excursão ou para qualquer outra coisa), salvo o caso de que previamente se tenha dado aos monitores a responsabilidade da dita reunião. O monitor deve ser também pontual. No caso de impossibilidade, absoluta de comparecer, deve avisar o submonitor com tempo bastante.

b) — Em certas tropas escoteiras cada patrulha encarrega-se, por turnos, da ordem e limpeza da sede. Esta será a patrulha "polícia". As ordens do chefe de tal patrulha, devem ser consideradas por todos como indiscutíveis e providas da mesma autoridade que as do Chefe da tropa; notando que os membros da diretoria, chefes, instrutores devem ser os primeiros a reconhecer essa autoridade e acatá-la.

c) — À hora marcada, em ponto, deve começar o exercício. O Chefe da tropa dá o sinal com o apito.

Cada monitor lança então o “grito-da-patrolha” para reunir os escoteiros. Estes dirigem-se em fila indiana, *em silêncio e a passo ginástico* ao posto da reunião. Uma formação ordinária deve ser feita em vinte segundos.

Salvo aviso em contrário do Chefe da tropa, as formações devem fazer-se sempre com o chapéu e o bastão; quer dizer que os escoteiros devem estar imediatamente prontos para marchar seja para onde for.

Os monitores podem adotar, além do “grito-da-patrolha”, algum sinal especial para reunir seus escoteiros. Isto tem certa originalidade que os deve estimular.

O monitor se colocará sempre de modo que possa vigiar melhor a sua patrolha e ser visto por ela.

Nem todas as tropas empregam o mesmo modo de formação. Existe, antes de tudo, a formação tradicional em retângulo. As patrolhas, em linha, ocupam três lados do retângulo e o Chefe coloca-se no quarto.

Existe também a formação em leque. As patrolhas reúnem-se ao redor do chefe, os escoteiros em fileira, de modo que formem como os raios de uma roda, em cujo centro está o chefe. Neste caso os escoteiros de cada patrolha constituem os raios.

A primeira formação do dia começa pela chamada e pelo comunicado ou leitura do programa a seguir. O trabalho começa imediatamente depois. Tudo isto dura uns quinze minutos no máximo.

d) — A reunião termina também com uma formação. Neste momento as patrolhas devolvem o material que utilizaram durante o dia, no caso deste per-

tencer à tropa. O chefe faz brevíssimas indicações, manda “debandar” e cada escoteiro vai para sua casa.

e) — A saudação é muito importante, mas não deve ser exigida a todo o momento e sem que tenha alguma significação. Nos atos solenes, nas grandes reuniões oficiais, todo o escoteiro que se dirija a um superior deve colocar-se em posição firme e saudá-lo. Nas reuniões ou excursões comuns os escoteiros saudam aos seus superiores ao encontrá-los pela primeira vez, e no momento de separarem-se. Isto basta, porém deve-se exigir em absoluto. Quando em civil, o sinal de reconhecimento, ou a meia saudação, deve ser obrigatória entre escoteiros que usam a insignia na lapela.

Recomendamos, também, que nenhum superior mande diretamente as patrolhas, senão por intermédio do monitor.

Os que sustentam que não se pode obter bons resultados por este meio, provam com isso que não sabem como se põe em prática. Isto é o resultado de uma larga experiência, de uma observação muito atenta e de uma grande prática no trato dos rapazes, tudo quanto se aconselha neste livro.

Quando se organiza uma reunião para os escoteiros, numa grande cidade, é muito conveniente que os rapazes se concentrem por patrolhas. Assim se procedia em Londres para reuniões a que assistiram mais de oito mil escoteiros.

O melhor método para a marcha da patrolha isolada é a formação em fila indiana, com o monitor à esquerda do primeiro escoteiro da fila.

Convém colocar na frente os escoteiros de menor estatura da patrulha, pois assim se evita uma marcha demasiado rápida, que possa fatigá-los.

Tudo o que se disse, refere-se à disciplina da patrulha na tropa. Vê-se que tem o menor carater militar possível.

Porem, tambem há uma disciplina interna da patrulha. Os escoteiros de cada patrulha organizam seu "Codigo-da-Patrulha" e se submetem a ele de bom grado, precisamente por haver sido feito por eles.

Certa patrulha adotou algumas notas ou fórmulas, que citamos como exemplo:

Exatidão — 1.^a — Em todos os casos deve ser o primeiro em tudo.

Obediência — 2.^a — O chefe vai falar? Escuta. O chefe falou — Obedecemos. Enganou-se? Duvida-o.

Iniciativa — 3.^a — Faze flechas de qualquer maneira.

Previsão — 4.^a — Põe sempre em teu arco uma só corda de cada vez, porem, cuida de poder mudá-la muitas vezes.

Decisão — 5.^a — Se nenhum guerreiro partisse em primeiro, nunca haveria caça.

Sacrifício — 6.^a — Se queres que a tribu viva, vê se é necessário o sacrifício de um bom guerreiro.

Cooperação — 7.^a — Se terminares de-pressa teu trabalho, corre a ajudar ao que vacila.

Agradecimento — 8.^a — Se alguem te faz uma cortesia, devolve-lha com dez.

Graças a estas regras, fielmente observadas, de cuja existência ninguem suspeitava, tal patrulha lograva sempre vantagens sobre as demais.

Outra patrulha tinha fama pelo seu contínuo bom humor. Quando um escoteiro se encolerizava, ou estava triste, os outros membros da patrulha entoavam certa canção que tinham inventado. Todo o membro da patrulha que não risse nas últimas notas era condenado a duzentos réis de multa, em benefício da biblioteca da patrulha.

É muito importante saber interessar aos rapazes e apresentar-lhes sob um aspecto atraente e tambem algo misterioso, as qualidades morais indispensaveis a todo o homem.

Assinalemos, para terminar, que um ponto muito importante para a disciplina é a uniformidade.

Deve exigir-se com o maior rigor que o uniforme e equipamento sejam usados tais como dispõem os preceitos regulamentares. O Chefe cuidará de precisar os pontos que não estão previstos (modo de dar o nó no lenço, forma de levar a correia do chapéu, etc.). Os objetos brilhantes ou niquelados, dourados, etc., devem-se reduzir ao mínimo. Um escoteiro é rapidamente descoberto se leva alguma coisa que, ao mover-se, produz reflexos pelo bater dos raios-de-sol.

De nenhum modo se pode autorizar outro calção que não seja o curto, a não ser nos casos previstos pelo regulamento. Os músculos devem-se habituar a sustentarem-se só, sem o auxílio de ligaduras ou bandagens.

Enfim, advertimos que não se deve tolerar em nenhuma tropa escoteira grande número de ciclistas. O escoteiro deve marchar na forma com sua patrulha, salvo casos muito excepcionais, que só ao Chefe cumpre julgar. Entre os ciclistas devem designar-se aqueles que servirão de ligação entre as diferentes unidades. Como regra geral o número de ciclistas não deve passar de três a quatro por grupo completo.

<https://chamaescoteira.wordpress.com>
Mauricio Volkweis - Arquivos Roth

O CONSELHO-DA-PATRULHA

Vimos que a disciplina escotista tem por princípio deixar ao rapaz dirigir-se por si mesmo, dentro das normas gerais enunciadas na Lei Escoteira.

De conformidade com esta idéia instituiu-se o "Conselho-da-Patrulha", o qual se compõe de todos os escoteiros da patrulha, sob a presidência do monitor.

O Chefe da tropa não deve intervir, a menos que seja convidado pelo "Conselho-da-Patrulha" para dar sua opinião sobre um ponto determinado.

Certas patrulhas tem o costume de reunir-se aos sábados em casa de um dos seus escoteiros. Deste modo, cada escoteiro recebe por seu turno, na sua semana, os seus companheiros de patrulha. Este momento é o mais indicado para reunir-se o "Conselho-da-Patrulha".

O objeto principal deste Conselho é colocar o monitor ao corrente dos desejos e observações de seus escoteiros, de modo que possa agir de maneira mais conforme com eles.

Tem isto importância, porque depois o monitor deve comparecer aos conselhos de chefes e instrutores, se para eles é convidado. E se viu que o Chefe da tropa não aplica seus projetos senão depois de haver consultado, ou pelo menos ouvido, a opinião dos monitores e

dos demais chefes, de igual modo o monitor não decidirá sobre qualquer projeto senão depois de haver-se colocado de acordo com o resto da sua patrulha.

Este método é maravilhoso para incrementar o espírito da patrulha e contribue para estabelecer-se uma sólida cooperação. Um rapaz fará com mais gosto uma coisa decidida por ele, do que outra imposta por um chefe, seja ele qual for.

Praticamente não existe limite para as questões que se podem discutir no “Conselho-da-Patrulha”.

Se, por exemplo, deve realizar-se um concurso para o qual cada patrulha só pode inscrever três escoteiros, estes três representantes serão designados pelo “Conselho-da-Patrulha”.

Quando se trata de realizar uma boa ação, esta pode ser discutida, convencionada, e traçada sua execução, neste Conselho.

Os casos de frequência irregular, novos recrutamentos, acampamentos da patrulha, visitas entre elas, etc., serão também tratados neste Conselho.

Pode também deliberar acerca do emprego do dinheiro em caixa, idéias e projetos para aumentar os fundos, redação do “Regulamento-da-Patrulha”, ou de um jornal da mesma, etc.

É necessário compenetrar-se bem que uma patrulha deve formar um todo completo, uma sociedade perfeita tanto quanto possível, que se deve bastar a si própria, desenvolver-se e administrar-se; uma pequena comunidade que vai pelo mundo tratando de cumprir, no seu raio de ação, o seu dever para com a Pátria, para com

o próximo, para com ela mesma; numa palavra, a Patrulha é uma pequena família onde se trabalha em comum para um Ideal de perfeição moral.

O “Conselho-da-Patrulha” apresenta aspectos muito distintos, segundo as patrulhas que o celebram.

Convém começar a reunião entoando uma canção, ou hino da patrulha, às vezes composto por um dos escoteiros.

Depois o monitor faz algumas perguntas:

Quem esqueceu de fazer a boa ação de hoje?

Qual é o 9.º artigo da Lei Escoteira.

Como se faz tal nó?

Desta forma assegura-se que seus escoteiros não se esquecem de nada.

Em seguida discute sobre as questões apresentadas na ordem do dia:

É necessário comprar tal livro para a biblioteca?

Deve-se mandar estagnar a marmitta que se está oxidando?

Deve-se desafiar a tal ou qual patrulha, sobre tal ou qual fim?

Em tudo isto o monitor deve conservar a autoridade necessária para dirigir os debates, fazê-los voltar às questões, quando se apartem delas e fazer um resumo nítido do conjunto.

<https://chamaescoteira.wordpress.com>

Mauricio Volkweis - Arquivos Roth

INSTRUÇÃO DA PATRULHA — AS PROVAS E AS ESPECIALIDADES — TRABALHOS MANUAIS

Alem dos “Conselhos-de-Patruilhas”, que podem ser curtos e espaçados, a patrulha tem reuniões de trabalho que podem se realizar em qualquer tarde da semana. Estas reuniões são consagradas principalmente ao estudo das matérias necessárias para as provas das classes escoteiras ou obtenção de diplomas de especialidades, à confecção de objetos uteis para a tropa escoteira ou para os jogos, etc.

PROVAS E ESPECIALIDADES

A prova de Noviço não deve ocupar as reuniões da patrulha. Cada rapaz deve aprender por si o que deve saber para ser escoteiro.

O que constitue objeto de trabalho nas reuniões de patrulhas é a parte prática das provas de escoteiro de segunda e primeira classe, Escoteiro-da-Pátria, assim como certas especialidades.

Há dois métodos principais de trabalho por patrulha.

O primeiro consiste em que o monitor ensina como se faz tal ou qual coisa e pede aos escoteiros que a exe-

entem, aconselhando-os e vigiando-os. Por exemplo: Fará, perante eles, um nó com a sua corda e cada um, com a deles, tratará de fazê-lo de igual forma. Ditar-lhes-á uma mensagem com o apito e cada um procurará decifrá-la.

Este método de instrução coletiva é bom para principiar. É, além disso, o único possível para exercícios tais como o "jogo do Kim", movimentos de ginástica, etc.

Mas, é necessário, sobretudo, procurar usar o segundo método, que é muito melhor e que se baseia no princípio seguinte: — O que sabe ensina ao que não sabe.

Suponhamos uma patrulha de nove escoteiros. O monitor ensinará, aos n.ºs. 2 e 4 os sinais secretos; o 3 ensinará os nós ao 6; o 5 explicará os sinais morse ao 9, e o 7 fará aprender o semaforico ao 8. Ao fim de um quarto de hora, trocam-se os papéis e os que antes recebiam as lições dedicam-se a ensinar algo do que eles sabem aos anteriores.

Este método permite fazer mais trabalho em menos tempo ou no mesmo, e evita a dispersão da atenção, posto que o que ensina consagra-se inteiramente ao aluno e viceversa. No fim, apresenta a vantagem de interessar a cada rapaz, diretamente, no êxito da patrulha, porque o encarregado de ensinar os nós os aprenderá com mais cuidado do que se tivesse o seu próprio exame em perspectiva. A emulação é levada assim ao mais alto grau.

Em todos os casos a grande preocupação do monitor será fazer o trabalho interessante. Deverá, portanto,

adquirir uma grande fertilidade de prática, fazendo-se engenhoso, inventivo.

Nunca consagrará mais de meia-hora a um mesmo assunto, porque com jovens o êxito depende da variedade.

Não começará um ensinamento, sem antes explicar a seus escoteiros a utilidade que há em aprendê-lo.

Uma instrução teórica, seca, desanima muito. É necessário forjar imagens para atrair os juvenis espíritos. Por exemplo: para um curso de orientações o monitor dirá aos seus escoteiros que se encontram perdidos no bosque e então indica:

1.º — Como poderão utilizar o sol e o seu relógio para se orientarem.

2.º — Como sairiam do apuro com espesso nevoeiro.

3.º — Idem, durante uma tempestade, com uma bússola.

4.º — Sob um céu estrelado, com seu manual escotista, mencionando as constelações ou valendo-se de um almanaque que as traga.

5.º — Com um mapa.

E assim sucessivamente.

De igual modo, antes de riscar um círculo com giz sobre o terreno, perguntará aos seus escoteiros que meio lhes parece melhor, a cada um, para traçá-lo. Pedirá, então, a um deles que risque o círculo, que utilizará para ensinar os pontos principais da bússola.

Para as noções de primeiros socorros aos feridos, falará de diferentes acidentes com os seus escoteiros, antes de proporcionar-lhes o ensinamento prático. Ensi-

nará o desenho de um esqueleto humano, ou conduzirá a patrulha a um museu para ensaiá-lo na realidade. Depois fará assinalar os diferentes ossos sobre o corpo de um dos escoteiros. Pode-se aconselhar aos escoteiros que cada noite, ao deitarem-se, vão assinalando os ossos de seu corpo, rememorando seus nomes.

Procurará encontrar em livros ou jornais exemplos característicos de salvamentos e os contará à sua patrulha.

Não falará só todo o tempo, senão como, mantendo a disciplina, animará os escoteiros a exporem sua opinião, sem timidez.

O melhor, o mais excelente meio de ensinar muitas coisas aos escoteiros sem fatigá-los é dar a tudo a forma de jogos.

O trabalho, pois, do Chefe da tropa e também do monitor é ensinar aos escoteiros sem fadiga porem, também, procurar o que mais lhe convem conhecer.

Para isso devem ter noções sobre o maior número de conhecimentos e escolherem entre eles os mais importantes para aprofundá-los. Um monitor de idade suficiente e experimentado deve estar apto a ensinar, pelo menos, uma especialidade correspondente a uma prova.

Também deve reunir sempre aos seus conhecimentos os de outras pessoas competentes em outras matérias e suscetíveis de interessar a patrulha.

Por exemplo: pode reunir a sua patrulha algumas vezes num estabelecimento ou praia de banhos, onde os escoteiros receberão lições de natação dadas por pessoa competente. Ou também procurará proporcionar-lhes uma lição gratuita num posto de bombeiros. Ainda po-

de ir a uma casa onde haja alguma senhora mãe de alguns dos rapazes, que consinta em dar-lhes algumas lições de cozinha.

Com um pouco de iniciativa o monitor chegará a aproveitar o bom desejo e os conhecimentos de todas as pessoas conhecidas.

O chefe da tropa pode igualmente organizar cursos para duas ou três patrulhas, porem, não pode dar bons resultados como os obtidos por uma patrulha só.

É preferível que o chefe dê um curso aos monitores e que estes o reproduzam, com as adaptações uteis, nas reuniões das suas patrulhas.

A atividade de muitas tropas está muito restringida pelo fato de não conhecerem bem o "Sistema-de-Patrulhas".

Há muitas pessoas que dariam com gosto suas lições a 8 escoteiros, mas que não oferecem seus serviços porque pensam que a tropa escoteira inteira é a que deve se reunir para receber a instrução e isto as assusta. Oito escoteiros numa cozinha podem fazer qualquer coisa de útil. Não ocorrerá o mesmo, certamente, com uma tropa escoteira começando logo, porque ela alí não se poderia reunir.

Os chefes de tropa que adotam a patrulha como unidade para o trabalho, conseguem grandes progressos como os seus escoteiros.

Há alguns anos existe uma tendência afastadora da primitiva compreensão das especialidades.

Não é necessário realizar provas que unicamente podem afrontar com êxito os especialistas. Sem necessidade de chegar a dar-lhes uma facilidade irrisória, é

necessário por as especialidades ao alcance de todos os rapazes sempre que estes ponham algo de sua boa-vontade em alcançá-las.

A idéia de Baden Powell ao criar as especialidades, era dar noções gerais sobre muitas coisas a todos os escoteiros para permitir-lhes, mais tarde, escolher uma carreira ou profissão. As especialidades demasiadamente difíceis retardam os progressos e desanimam facilmente um espírito jovem que não tem ainda a maturidade necessária para perserverar largo tempo no mesmo trabalho.

Uma questão importante é assegurar-se o concurso permanente de uma mesma pessoa competente, como examinador em cada especialidade. Isto assegurará certa homogeneidade na capacidade de todos os diplomados de uma mesma tropa. É necessário também que o examinador, sem ser demasiado complacente, esteja imbuido desta compreensão das provas e de seu papel no Escotismo.

O monitor terá como trabalho essencial, neste ponto, a orientação dos escoteiros até tal ou qual série de especialidades em relação aos seus gostos e aptidões.

Um ponto sobre a qual Baden Powell muito insiste é a “especialização” da patrulha.

Antes de tudo devemos destruir o falso conceito da especialização. Não basta que uma patrulha tenha uma especialidade, que todos os seus escoteiros usem na manga a insígnia dessa especialidade, porque, nem todas as especialidades se prestam à “especialização” de patrulhas.

Para conseguir uma “especialização” é necessário encontrar um trabalho que necessite a estreita cooperação dos escoteiros da patrulha. A toda a especialidade da patrulha, deve corresponder o esforço comum sob a direção do monitor. Sem isto, não se conseguirá nenhum trabalho verdadeiramente interessante.

Por exemplo: a especialidade de “atirador” não pode ser objeto de especialização, ainda que todos os escoteiros da patrulha sejam excelentes atiradores, porque nunca se conseguirá a colaboração de todos no ato de apontar e de apertar o gatilho.

Pelo contrário, a especialidade de “sapador”, não se pode admitir senão como especialização da patrulha, porque um escoteiro isolado nada fará de util para lançar uma ponte sobre um riacho, ou para construir uma cabana de ramagens. Enquanto oito rapazes, trabalhando sob uma direção competente, farão uma obra tão perfeita como só o trabalho em comum pode conseguir.

O monitor dispensará, pois, o maior cuidado na escolha das especialidades.

Ao contrário das especialidades individuais, cuja dificuldade é relativamente escassa, as provas de patrulhas serão sempre objeto de trabalho muito intenso e profundo, e a patrulha não cessará de aperfeiçoar-se cada vez mais na especialidade que escolheu.

Deve-se evitar, entretanto, e a todo o transe, que a especialização faça abandonar os outros trabalhos escotistas.

Só quando uma patrulha possa prestar alguns serviços por sua especialização, será autorizada a colocar a respectiva insígnia na sua bandeirola, o que cons-

titue um grande estímulo, se a concessão se fez com estrita justiça.

O trabalho de patrulha facilita-se muito, em certos casos, com a biblioteca da patrulha. Esta biblioteca deve-se compor de livros atraentes, que os escoteiros leiam com interesse. O exposto com relação à biblioteca da tropa pode ter aplicação, ainda que em mais reduzida escala, tratando-se das bibliotecas de patrulha, bastando consignar que os livros devem ser escolhidos pelos escoteiros, sob a direção do monitor, e visados pelo chefe da tropa, para só aprovar aqueles que sejam uteis. Não deve faltar em tal biblioteca um mapa da região, nem um album que, por escrito e por meio de fotografias, vá consignando a história-da-patrulha.

Outro gênero de atividade para as patrulhas é o trabalho manual.

É necessário que todo o escoteiro saiba servir-se dos seus dez dedos.

Começar-se-á por induzί-los a que façam coisas muito simples. Aprenderão, por exemplo, a trançar dois arames flexiveis, a afiar um canivete ou machado, a atar um feixe de lenha, a pregar e arrancar um prego, a polir uma tábua, a descascar bem uma batata, a cavar um pedaço do jardim, a reparar um objeto estragado, etc.

Depois se passará a trabalhos mais difíceis; esculpir um bastão, colocar um vidro, revelar fotografias, fazer um guiso, a decorar a sede com desenhos, ilustrar o jornal da patrulha, etc.

Para o fim, ficarão os trabalhos mais difíceis e mais uteis: fabricação de mesas, armários, tambores,

instalações elétricas, colchões de campo, perchas, partes do uniforme ou equipamento, etc.

Conseguindo isto, as patrulhas engenhosas e habéis, verão de pronto o que poderão ganhar com a perseverança.

Uma venda de trabalhos e objetos bem feitos alcança sempre êxito, e uma sede adornada com gosto é meio seguro de interessar pelo Escotismo os visitantes e decidί-los a que nos ajudem quando seja necessário.

O saber servir-se das mãos concede uma superioridade, não só de ordem prática, como também moral.

<https://chamaescoteira.wordpress.com>
Mauricio Volkweis - Arquivos Roth

OS JOGOS NA PATRULHA

Certos Chefes de tropa observam que os jogos não constituem senão uma parte insignificante do Escotismo. A isto só devemos opor as palavras com que começa o primeiro capítulo do *Scouting for Boys*:

“A educação deve-se efetuar, sempre que seja possível, por meio de jogos e competições.”

Os jogos se organizarão, principalmente, sobre base de competições entre partidos, estando constituído cada partido por uma patrulha e sendo cada rapaz ator e não espectador.”

Os jogos são, pois uma parte muito importante do Escotismo. O Escotismo foi definido como o *mais importante dos jogos*.

É necessário recordar sempre, tratando-se de um grande ou pequeno jogo, de um concurso de força ou de um concurso de engenho, que o ponto mais essencial é considerar a patrulha como uma unidade, na qual ninguém deve ter o papel de espectador.

A um monitor é fácil imaginar toda a classe de jogos. Por outro lado há livros especiais sobre este

assunto “Jogos de Escotismo” de Baden Powell; “Jogos Escoteiros”, de Velho Boto, e muitos outros. Os livros, no entanto, só devem servir de guia, permitindo-se nos jogos toda a classe de modificações que tendam a adaptá-los ao carater do país.

Todas as fases e práticas de Escotismo podem-se ensinar sob a forma de jogos. Os concursos entre patrulhas não são, em resumo, senão jogos muito bem adaptados ao espírito escotista.

Um Chefe Escoteiro, se tem um pouco de imaginação, pode encontrar uma multidão de variantes, de interesse para os jogos indicados nos manuais; porem, se ele não tem a imaginação fértil, pode utilizar a dos seus rapazes. Sua fonte de idéias pessoais pode-se esgotar mas a dos seus escoteiros será tão fértil depois de dois anos de Escotismo, como ao princípio.

Em algumas tropas pratica-se o seguinte jogo: Um escoteiro sai bruscamente de um compartimento gritando que suas roupas estão ardendo. Trata-se de que cada patrulha demonstre sua maior presença de espírito e faça imediatamente o necessário para prestar socorro. Toda a espécie de acidentes se pode simular de forma parecida. Assim, por exemplo, um escoteiro grita repentinamente: “Perdi cem mil réis” e em seguida as patrulhas lançam-se a procurá-los, seguindo as pegadas que o escoteiro deixou pelo caminho, até dar com a importância que está representada por um envoltório de papel. Da mesma forma, em muitos outros casos.

Uma série de jogos escotistas, designada com o nome de “manobras” ou simulacros, constitue um repertório excelente e muito variado.

Uma “manobra” é um exercício ao ar livre, em que se imita um feito da vida de certas tribus, um fato histórico ou um episódio de luta entre partidos adversos. Julgue-se a variedade de jogos que podem nascer desta idéia.

A astúcia, a observação, o sangue frio, a dedução, a força e a resistência disputam o primeiro lugar. As mensagens secretas, os seguimentos de pistas, os sinais, a surpresa do partido inimigo, figuram sucessivamente.

Não é raro ver uma patrulha aproximar-se durante um dia inteiro na perseguição de um bandido misterioso, levando por todo documento a metade de uma mensagem cifrada cuja metade mais essencial está oculta no final de uma pista sangrenta (representada por quaisquer grãos ou papéizinhos vermelhos semeados pelo caminho) e quando a mensagem é decifrada, no fim, vê-se que o famoso bandido não é outro senão certo escoteiro que, fingindo procurar a boa pista, fez perderem-se muitas vezes os seus companheiros.

A prática de jogos por partidos de patrulha eleva muito o nível do espírito de todas as patrulhas. Além disso, permite ao monitor e ao Chefe escoteiro julgar os seus escoteiros sob o ponto de vista de lealdade, de engenhosidade, etc. Desta forma, pois, tanto o monitor como o instrutor e o chefe da tropa desenvolvem suas observações de carater e aprendem a tirar partido de cada escoteiro, segundo suas aptidões.

CONCURSOS ENTRE PATRULHAS

O melhor método de elevar o espírito da patrulha é organizar concursos permanentes de patrulhas, isto é, que tão depressa termine um concurso, comece o seguinte. Nas tropas antigas tem-se chegado a preferir os concursos semestrais e trimestrais aos anuais. Três meses são bastante para não fatigar e desanimar as patrulhas, e para evitar que percam o interesse as que estão mal colocadas. E melhor, entretanto, que os concursos trimestrais serão os concursos mensais.

Uma patrulha que tenha perdido pontos não desanimará e preparar-se-á com entusiasmo, para uma brilhante desforra no concurso seguinte. Tendo de esperar seis ou oito meses a emulação, de pronto, desaparecerá.

É muito importante advertir que um concurso, por excelente que seja, não alcançará pleno êxito senão na medida que se adapte ao estado de espírito, do momento, entre os rapazes.

Por exemplo: Depois de um acidente ocorrido a um escoteiro, um concurso de primeiros socorros será melhor recebido do que nós. De igual modo um concurso esportivo será um grande êxito, se um campeão da região acaba de obter um triunfo.

Por estas razões, um bom chefe-de-tropa nunca mais fixará arbitrariamente os seus concursos. Além disso, submeterá suas conclusões ao “Conselho-de-Monitores” e acomodará o concurso às conclusões que tenha obtido deste exame em comum. Não obstante, convem ter em conta o espírito individualista dos rapazes que os leva a propor em suas reuniões idéias distintas, a não se conformarem com as dos outros, a não aceitarem as da maioria e a desgostarem-se no caso de que não sejam preferidas as suas. Ocorrendo isto, é preferível que os concursos sejam organizados pelo Chefe da tropa, atendendo principalmente à atualidade que possa ter a matéria de que são objeto, o que garantirá sua boa aceitação, por parte dos escoteiros.

O princípio geral dos concursos entre patrulhas é conceder um certo número de pontos por cada assunto sobre que versa o concurso. A maior dificuldade está na concessão destes pontos. Devem-se escolher provas que melhor convenham para assegurar toda a igualdade possível na sorte das diversas patrulhas. Serão evitadas as provas em que a patrulha mais jovem ou a formada por escoteiros de menor idade leve desvantagem. Na grande maioria dos casos convem evitar os pontos negativos. Vale mais aumentar os pontos das outras patrulhas, do que tirá-los à que foi deficiente. O essencial é não desanimar uma patrulha com a perda de pontos adquiridos por seu trabalho e boa vontade anteriores.

A escolha das provas é limitada. No entanto, costuma-se fazer versar os concursos sobre os seguintes pontos, particularmente:

Frequência e pontualidade.

Especialidades e provas obtidas na patrulha.

Boas ações.

Boa apresentação dos escoteiros e do material da patrulha.

Ginástica.

Trabalhos manuais, etc.

Além destas diversas provas, que podem ser a base de todos os concursos, devem-se organizar outros especiais sobre certas matérias do Escotismo; nós, sinais, comunicações, auxílios de higiene, acampamentos, etc. A escolha destas provas deve-se fazer de acordo com as condições da localidade e seguindo a estação do ano em que se tenham de praticar. Será adotado, por exemplo, o seguinte programa:

Inverno — Trabalhos manuais.

Primavera — Botânica; primeiros socorros aos feridos.

Verão — Acampamentos.

Outono — Sinais e pistas.

Tenha-se presente que esta norma não é senão um exemplo, que se pode variar muito.

De todas as formas, tem-se que fazer as coisas bem ou então não executá-las. Ter-se-á pois, muito cuidado de não sobreçarregar um concurso de muitas matérias, a-fim-de melhor poder ser dirigido e realizado.

Convem estabelecer, antecipadamente, uma escala de pontos, na qual se procurará incluir todos os casos possíveis para evitar decisões arbitrarias em caso que podia ser previsto, o que provoca sempre o descontentamento de alguns rapazes.

No respeitante à frequência, convirá não considerar de igual modo as faltas justificadas antecipadamente, das que não são motivadas.

Concedendo-se pontos por provas realizadas, é necessário prever que o noviço, que necessita passar por todos os graus, poderá obter mais pontos do que o escoteiro que já seja de 1.^a classe e, assim, se dará os pontos pela conquista da prova de modo mais equivalente, de modo a restabelecer o equilíbrio.

É muito conveniente variar a forma das provas nos concursos sucessivos sobre o mesmo ponto. Deve-se evitar cair na rotina pelo que é preciso inventar, a-fim-de encontrar novos temas para as provas.

Assim, por exemplo: Tratando-se de um concurso de nós, a primeira prova será feita como está indicado no manual de Escotismo. A mesma prova, no segundo concurso, consistirá em fazer os nós com as mãos atrás das costas. Depois, na prova seguinte, se substituirá a corda ordinária por outra muito mais grossa. Mais tarde, será fixado o número limitado de segundos para cada nó. Ainda se poderá exigir o emprego de uma só mão para determinados nós e assim sucessivamente.

Tratando-se de um concurso de Morse, pode-se exigir, na primeira prova, a transmissão com os braços. Na seguida será aumentada com a recepção de outra mensagem. Depois será empregado o apito, em vez das bandeiras. Serão exigidas velocidades cada vez maiores. Em continuação, o uso de abreviaturas, etc.

Do mesmo modo, todas as provas devem ser variadas continuamente.

Podem-se abrir concursos para a instalação de acampamentos de patrulha, de acender fogueiras, de corridas com obstáculos, de decoração da sede ou local... em resumo, de tantas coisas quantas sejam as matérias ao alcance dos escoteiros.

Numa tropa composta de rapazes inteligentes é muito útil fazer uma prova semestral de Escotismo, não examinando todos os rapazes, mas sim as patrulhas, as quais designam um dos seus componentes para sujeitar-se à prova. Estas ficam com a obrigação de não apresentar os mesmos rapazes, nas provas futuras, fazendo assim que todos, por seu turno, prestem estas provas.

Noutras tropas, o Chefe faz uma dezena de perguntas curtas à sorte, na primeira reunião de cada mês. Assim, assegura-se de que os rapazes sabem realmente o que tem aprendido e que merecem na realidade, as insígnias que usam. Pode-se conceder pontos pelas respostas e juntá-los aos resultados do concurso que se estiver realizando.

Num concurso de patrulhas, também, se pode conceder pontos pelo modo de usar o "Caderno-da-Patrulha". Igualmente, devem-se levar em conta as boas ações coletivas realizadas durante o tempo de concurso, pois, contra o que se poderia crer, esta prova não torna os rapazes fátuos, nem orgulhosos, como costuma acontecer com as boas-ações individuais, quando são excessivamente recompensadas.

Seria muito longo dizer mais sobre os diversos aspectos de que se pode revestir um concurso de patrulhas. Pode-se e deve-se-lhe dar uma maior variedade possível, a-fim-de manter sempre a animação dos rapa-

zes. Agrada aos rapazes competir entre si e não há que temer a exageração deste ponto.

Um bom método é ler cada domingo os pontos obtidos, até aquela data, pelas patrulhas concorrentes. Isto estimula os rapazes a excederem-se mutuamente, antes do resultado final.

Não é preciso dizer que o triunfo dos concursos deve estar representado aos olhos dos rapazes por uma recompensa qualquer. Algumas tropas adotam uma insignia especial para a melhor patrulha. Outras um objeto de arte que a melhor patrulha conserva no seu local, que outra o ganhe. Um quadro de honra pode indicar a classificação das patrulhas. Noutras tropas a patrulha vencedora leva a bandeira. Também se podem estabelecer prêmios especiais para os diferentes concursos. Tudo isso, depende das circunstâncias locais e não se pode dar regras gerais.

Se um monitor não possui todo o entusiasmo desejado para estimular a sua patrulha nos concursos, é que existe um defeito por parte dele, ou por parte de seus chefes. O espírito escotista de um deles (ou dos dois, em algumas vezes) necessita de ser fortalecido.

<https://chamaescoteira.wordpress.com>
Mauricio Volkweis - Arquivos Roth

BOAS-AÇÕES DA PATRULHA

Só a epígrafe deste capítulo nos dispensa explicar mais amplamente o seu significado. Trata-se, com efeito, de que cada patrulha execute, pelo menos uma boa-ação coletiva cada mês. Isto não afetará em nada a boa-ação diária que deve praticar cada escoteiro.

A boa-ação da patrulha é um excelente meio de incentivar o espírito-da-patrulha e fazer com que o Escotismo seja popular em todo o país.

Cada escoteiro observa durante a semana e não deixa de indicar ao monitor, no domingo seguinte, que boa-ação coletiva poderá realizar, a seu juízo, a patrulha em tal ou qual lugar. Então, é quando o monitor deve saber escolher a boa-ação a praticar, distribuir o trabalho e provar as suas qualidades de comando ou direção.

Por outro lado, o monitor deve estimular os seus escoteiros para que se preocupem com as boas-ações coletivas. Um monitor alerta e de bons sentimentos encontrará a cada passo ocasiões de fazer praticar, por sua patrulha, uma boa-ação.

Por exemplo: Tal patrulha estabelecerá um turno entre os seus escoteiros para irem ler alguma coisa a

um cego. Outra levará a carrocinha do material para o mato e à tarde a trará cheia de lenha.

Porem, há algo que melhora e eleva muito a boa ação; é fazê-la sem que ninguém o saiba. Sabemos de uma patrulha que um dia invadiu uma cabana, cujo proprietário estava ausente, e desapareceu depois de haver varrido o chão, lavado os vidros, limpo o teto, esfregado as caçarolas e renovado a provisão de água e lenha. Outra cortou e recolheu quatro tocos de lenha, enquanto que uns lenhadores estavam comendo, e os colocaram junto aos que estes já haviam reunido.

Os antigos cavalheiros das lendas voavam em socorro dos desvalidos. Se o moderno cavalheiro escoteiro encontra diante de si uma pobre mulher, velha e cega, que vive numa pocilga, pensará que uma boa-ação sempre vale a pena de ser realizada e provará, com isso, que é mais perfeito que os cavalheiros da Idade-Média.

Não há razão para que cada nova patrulha não se dedique a realizar continuamente boas-ações coletivas. Isto é possível, tanto nas cidades como nas povoações. Os escoteiros encontram sempre jardins que tratar, valetas que limpar, palissadas em mau estado. Na cidade existe grande número de sociedades de beneficência que ficariam encantadas se fossem auxiliadas pelos escoteiros.

Um bom monitor é um foco intenso de bondade e piedade, que comunica a sua chama aos corações de todos os escoteiros.

Uma boa-ação é mais notável, quando ditada pela sensibilidade da alma, do que pelo sentimento do dever.

<https://chamaescoteira.wordpress.com>

Mauricio Volkweis - Arquivos Roth

VISITAS ENTRE PATRULHAS

Uma boa patrulha deve reunir-se sósinha, uma vez por semana. Para esta reunião, o monitor deve ter preparado seu programa.

No decorrer desta reunião, além das numerosas ocupações já mencionadas, pode-se dedicar algum tempo ao estudo das especialidades da patrulha. Depois do exposto sobre as boas-ações coletivas, estas especialidades assumem logo um novo ponto de vista e convertem-se num meio de dirigir a patrulha para o serviço próximo.

Uma patrulha especializada em serviços de enfermagem, sapa, carpintaria ou cozinha, encontrará boas-ações a praticar, graças aos seus conhecimentos especiais.

As diversões constituem também um vasto campo para as especializações da patrulha. Patrulhas há que se tem especializado como cantores, por exemplo, oferecem às demais concertos muito agradáveis. Outras tem saboreado o triunfo, constituindo grupos de indígenas, de "Jécas", de prestidigitadores, etc..., ou também atores para representarem pequenas peças dramáticas ou cômicas, às vezes compostas pelos próprios rapazes.

Se cada patrulha se esforça, assim, em adquirir certas capacidades originais, interessantes ou de entrete-

nimento, o Chefe da tropa não terá nenhuma dificuldade para organizar, de vez em quando, festivais de benefício da coletividade.

Porem, é indispensavel para isto que as patrulhas façam um curto ensaio em cada reunião (meia hora, no máximo) para recordar as suas habilidades e criar novos números sensacionais.

Isto conduz-nos a falar das visitas entre as patrulhas. São estas visitas um poderoso estímulo se os monitores sabem-se entender antes e organizar programas bem elaborados.

Eis aqui um exemplo de programa:

Uma tarde a patrulha dos "Ouriços" é convidada pela dos "Sabiás".

Primeira Parte

Alegres cumprimentos e abraços à chegada.

Começa-se a reunião por uma breve e humorística saudação pronunciada pelo monitor dos "Sabiás". Um "grito de aclamação" sauda este discurso.

Depois, cada um, por sua vez, dá mostras do seu talento.

Um "sabiá" canta uma canção popular.

Depois um "ouriço" recita um monólogo cômico, de sua invenção, sobre a cruzada contra os ratos.

Em seguida, um "sabiá" faz jogos de prestidigitação.

Um "ouriço" constroi em seguida, num abrir e fechar d'olhos, um elegante "castelo" de cartas de jogar.

Um "sabiá" puxa de uma ocarina e encanta o auditório com um dobrado de sua autoria.

Assalto de esgrima entre um "sabiá" e um "ouriço".
Tiro ao alvo com flexas-de-mão.

Intervalo. Chá, chocolate ou café. Palestra geral.

Segunda Parte

O monitor dos "ouriços" recita uma poesia de sua lavra, sobre os encantos da vida dos bosques.

O monitor dos "sabiás" faz uma breve e sugestiva palestra sobre os antigos trovadores.

Depois disto, jogos malabares e acrobáticos.

Um coro de "ouriços" e "sabiás" termina a festa. Este coro não deve ser desafinado. Os escoteiros devem-se mostrar rapazes de gosto artístico, tanto entre eles como em público.

A's vezes é convidado o instrutor do Grupo e até o chefe da tropa. Então estes, contam algumas dessas histórias que tanto fazem pensar os rapazes.

Ao separar-se, uma e outra patrulha combinam um encontro para um dos próximos domingos.

No mês seguinte, são os "ouriços" que recebem em sua sede os "sabiás".

Não é necessário dizer que o programa da festa deve ser diferente.

A utilidade, pois, das visitas entre patrulhas é estimular o entusiasmo dos escoteiros para fazer de sua patrulha a melhor, aquela cujos convites são aceitos com mais gosto, e, tambem, a que demonstra mais engenho e a que, com mais frequência, faz convites.

Alem disso, se existem várias tropas vizinhas, estas criarão entre si esse ambiente de fraternal cordialidade, que deve presidir sempre todos os atos entre os escoteiros.

Nas tropas em que se organiza uma recepção anual para os pais e amigos dos escoteiros, como é natural, cada patrulha faz quanto pode para apresentar números inéditos e surpreendentes.

Nestes casos, o trabalho de preparação deve ser também distribuído entre as patrulhas.

Uma preparará o salão e o decorará.

Uma outra desenhará o programa.

Uma terceira tomará o encargo do bufete e da distribuição de programas.

A quarta fará o serviço de ordem.

A quinta o dos lugares, e, assim, sucessivamente.

O chefe da tropa não terá que fazer outra coisa, senão vigiar e coordenar os esforços de cada um e tudo irá perfeitamente.

As visitas entre patrulhas podem ter por objeto um concurso de sinais de observação, de tiro-ao-alvo com arco, etc. Ou ainda se pode convencionar uma partida de qualquer esporte.

Em todo o caso, os instrutores e chefes devem deixar completa liberdade aos monitores para estas visitas mútuas, com a condição de que as reuniões estejam bem preparadas e de que não prejudiquem a atividade da tropa escoteira.

<https://chamaescoteira.wordpress.com>
Mauricio Volkweis - Arquivos Roth

A PATRULHA NO ACAMPAMENTO

Num acampamento modelo, as barracas não estão colocadas em linhas regulares, como num campo militar. Dá-se, ao contrário, uma grande liberdade a cada patrulha. Eis aqui como se pode proceder:

O chefe da tropa designa um local para o mastro-da-bandeira. Numa explanada, fazem-se geralmente as reuniões, os diversos jogos e em cada noite o "Fogo-do-Conselho".

Perto do mastro, ergue-se a tenda do chefe. À entrada da mesma, ou noutra local muito visível, fixa-se uma tábua, na qual está o regulamento e o horário do acampamento.

Cada patrulha, tem, então, a liberdade de colocar a sua barraca nas proximidades (50 a 100 metros do mastro). Uma perto do ribeiro, outra na espessura do mato, etc. As barracas formam assim um círculo irregular em redor da bandeira.

Cada patrulha deve ficar, entretanto, ao alcance do apito do chefe.

Cada um é responsável pela ordem e instalação de sua barraca. Pode ornamentar á vontade o local, construir os bancos, mesas, macas, abrigos de folhagem, etc.

A boa apresentação de cada local das patrulhas pode ser objeto de um concurso, assim como a limpeza das barracas e de suas proximidades.

Sendo possível convém encarregar cada patrulha de fazer a sua própria cozinha, sendo distribuídas as respectivas rações de manhã. Isto não é possível nos acampamentos importantes pelo número de escoteiros ou pela sua duração. Neste caso, podem alterar-se, por turnos, as patrulhas, ainda que seja melhor utilizar-se cozinheiros profissionais pelo excessivo trabalho que esta ocupação traria aos rapazes, que teriam todo o tempo preso, sem se poderem dedicar a qualquer prática ou jogo.

As patrulhas devem ser responsáveis, por turnos, da ordem e limpeza do acampamento.

Cada dia uma patrulha, tem a hora de hastear e arriar a bandeira nacional no mastro do acampamento.

Todas as reuniões se fazem ao som-do-apito ou trompa-de-caça. Ainda que o uso de cornetas se vá abandonando por demasiado militar, é necessário, em acampamentos importantes, utilizar o cornetim.

Ao sinal-de-reunião, os rapazes reúnem-se nas suas barracas e dirigem-se, formados e por patrulhas, ao ponto de reunião.

Porém, o verdadeiro acampamento de patrulhas é aquele em que esta se encontra isolada completamente e é responsável pela sua instalação e emprego de seu tempo.

Desde que a "*Semana inglesa*" está em vigor, os acampamentos de fim de semana tornaram-se muito frequentes.

Por outro lado, quando os escoteiros tem dois dias seguidos de licença ou *sueto*, agrada-lhes muito passar uma noite sob a barraca. Isto deve-se fazer sempre por patrulhas.

Acampamentos, acampamentos, acampamentos. Isto deve ser o plano de vossos programas.

Para organizar um acampamento de patrulha de dois dias, o monitor escolhe um local apropriado, convoca os seus escoteiros, reparte pelos sacos e mochilas o material e os víveres comprados na véspera.

Nunca deve partir sem permissão do chefe de sua associação e autorizado pelo chefe do grupo. O chefe do grupo não se deve opor a estes acampamentos, sem razões muito poderosas. O que se oponha por minúncias ou ridículos temores, demonstrará não ter compreendido o Escotismo.

Em muitas tropas, o chefe indica em que local será realizada a reunião de domingo. Cada patrulha, então, sai sábado de tarde e vai acampar a um ou dois quilômetros do sítio indicado.

No dia seguinte, a hora indicada, cada patrulha se apresenta no ponto da reunião.

É aconselhável, nunca ir para um acampamento de patrulha sem levar uma bicicleta. Esta pode ser um precioso auxiliar em caso de acidente, de insuficiência de víveres, etc.

A prática do "Fogo-de-Conselho" é excelente. Permite a cada escoteiro repousar, falando com seus amigos, cantar em coro as velhas ou patrióticas canções do país à claridade das chamas e das vermelhas brasas, sob o céu estrelado. Não é necessário para isto que faça frio.

De noite sempre baixa a temperatura, salvo em climas muito quentes.

Porem, estas noitadas em comum não devem prolongar-se mais do que o razoavel e um bom monitor cuidará sempre de que seus escoteiros desfrutem oito horas de sono no mínimo.

Os jovens monitores podem convidar para seus acampamentos o chefe e o instrutor ou auxiliar; porem, estes serão sempre menos convidados, e o monitor há-de ser quem dirige o acampamento. Poderá, assim, pedir conselho ao chefe em caso de dificuldade e o chefe poderá verificar o valor do monitor e intervir discretamente em caso de erros ou decisões perigosas. Por exemplo: em caso de banho assegurar-se-á de que o local escolhido não é perigoso pela sua profundidade ou redemoinhos, ou tambem pela hora escolhida. Ensinará o monitor a não acampar em sítio úmido, a não acender fogo sob uma árvore, etc.

Depois de dois ou três anos de Escotismo, pode-se ter confiança nos monitores. O privilégio de ir acampar só, com sua patrulha, dar-lhes-á a consciência de sua responsabilidade e realçará o seu prestígio.

<https://chamaescoteira.wordpress.com>
Mauricio Volkweis - Arquivos Roth

DIFICULDADES

É possível que ao chegar a este capítulo, algum chefe ou instrutor pense:

“Concordo, desde já, que o *“Sistema-de-Patrulhas”* é o melhor a empregar e estou persuadido de que as melhores Tropas Escoteiras estarão de acordo com esta idéia; porem, em virtude das circunstâncias em que me encontro, é impossivel adotá-lo na minha Tropa Escoteira”.

Assim, um fará valer as particularidades dos rapazes, a sua excepcional inconstância ou a sua desesperante moleza. Outro alegará o afastamento de casa e a dificuldade de reunião. Um arguirá que encontra certas dificuldades com os rapazes maiores; enquanto, outro, encontra as mesmas dificuldades com os mais jovens.

Para todas estas objeções, há uma só resposta: Não existe nenhuma Tropa Escoteira que reúna todas as condições favoraveis à aplicação ideal deste sistema.

Podemos dizer, sem temor de erro, que nunca houve um Chefe-de-tropa que não tivesse encontrado, ao iniciar o *“Sistema-de-Patrulhas”*, dificuldades, ainda mesmo que fosse um *“ás”* e seus escoteiros verdadeiros modelos.

Porem, é aquí, onde precisamente se revela o chefe, o *homem-da-situação*.

O Escotismo em si mesmo é algo muito especial, de inspiração particular e que não dá os plenos resultados, senão com o emprego de um método também particular e original. Este método, está designado com estas três palavras: *Sistema-de-Patrolhas*.

Não há outro meio, como este, para obter a formação do carater, quer dizer, do êxito.

Algum Chefe Escoteiro, dirá ainda: "Creio que este método é excelente. Porem, venho dirigindo meu Grupo de outra forma já há anos e não é possível variar".

Este argumento está desprovido de todo o valor, porque nunca é tarde para trabalhar bem, sobretudo com espíritos jovens, propícios a toda a boa influência.

Repetimos, por outro lado, que o "Sistema-de-Patrolhas" não é um método teórico: está baseado em experiências que provam que a educação do rapaz não se conseguirá com a imposição de uma vontade estranha, se não se conta com o seu consentimento entusiasta.

Poderá impor-se um uniforme; porem, só uma adesão voluntaria, pelo coração e espírito do rapaz, permitir; que a educação alcance plenos resultados.

Em matéria de Escotismo *não procede julgar conforme os gostos e mentalidade do homem. É necessário colocar-se sob o ponto-de-vista do rapaz.*

Se uma Tropa Escoteira existe sem o "Sistema-de-Patrolhas", o Chefe deve introduzi-lo sem tardança. Os rapazes aprovarão unânimemente a adoção de um sistema em que reina a livre disciplina e em que os regulamentos internos, que mais lhes dizem respeito, são feitos para cada patrulha, por ela mesma.

<https://chamaescoteira.wordpress.com>
Mauricio Volkweis - Arquivos Roth

COMO FUNDAR UMA TROPA ESCOTEIRA COM O SISTEMA-DE-PATRULHAS

Todo aquele que tenha experiência do Escotismo dirá ao que se propõe fundar uma Tropa Escoteira: "Comece com poucos rapazes". O grande erro, o gravíssimo erro, que se tem cometido em muitas cidades e povoações que tem ocasionado isso a que, alguns observadores frívolos e incompetentes, chamam decadência, tem sido de precisamente atender, como principal desejo, o de apresentar desde o início muitos escoteiros, isto é, muitos meninos uniformizados, já que de escoteiros eles nada tem.

É mais facil instruir e dirigir poucos rapazes do que a um elevado número deles e contudo, o último caso é que deslumbra aos ignorantes. Esse erro provem da fascinação que o número exerce sobre o espírito-humano e da falta de carater para resistir-lhe.

Os bons chefes, os que compreendem bem o Escotismo, preferem sempre o pequeno número, que permite melhor a *ação-a-fundo*.

Para fundar uma Tropa Escoteira trabalhemos com poucos rapazes que serão depois os chefes ou moni-

tores das patrulhas. O número virá depois e encontrará elementos preparados para dirigir a Tropa.

A primeira preocupação será pois, convencer aos monitores e submonitores de que seus escoteiros esperam ser dirigidos e tem necessidade de o ser.

Imbuidos deste princípio inicial e convenientemente guiados desde o começo, eles irão adiante e a tropa escoteira terá assegurado o êxito.

Para fundar uma Tropa Escoteira é preciso, antes de tudo, provocar uma reunião de rapazes ou aproveitar uma reunião numa escola ou em outro local.

Não se contando com a própria eloquência ou com a competência necessária nestas matérias, tem de se procurar uma pessoa competente e que saiba falar aos rapazes. Esta pessoa deve ser, em regra geral, o chefe de outra Tropa Escoteira ou um membro do Conselho Diretor.

Depois de haver descrito o Escotismo sob o aspecto mais próprio para despertar o entusiasmo, anunciar-se-á a fundação da Tropa Escoteira e serão tomados os nomes dos que desejam constituí-la.

Sendo possível serão distribuídos entre a assistência impressos para interessar aos pais e obter a sua aprovação.

Ao terminar a reunião o futuro Chefe da Tropa escolherá uma dezena de rapazes mais espertos e começará a sua educação escoteira, eliminando os elementos inaproveitáveis e substituindo-os por outros.

Estes dez escoteiros farão as provas de noviço e prestarão a Promessa Escoteira. Então poderão vestir o uniforme.

Ao fim de alguns meses serão escoteiros de 2.^a classe. Nomeiam-se, então, os monitores e os submonitores.

Neste momento será necessário entrar em relações com os rapazes que se inscreveram meses antes. Será realizada uma segunda reunião e as patrulhas serão constituídas imediatamente, à razão de seis a oito escoteiros compreendidos o monitor e o submonitor. Estes números são os melhores na prática.

É certo que o entusiasmo da primeira reunião terá diminuído muito durante esses meses de espera. Contudo, poder-se-á reavivar rapidamente, se o chefe quiser assumir esse trabalho.

Alem disso os que tenham conservado o desejo de ser escoteiros darão muito melhor resultado que os que, havendo dado a sua adesão no ardor do primeiro momento, tenham perdido seu interesse depois.

Quasi todos os chefes encontram sempre uma multidão de razões para começar com um grande número de rapazes. Isto não nos há-de impedir de repetir com insistência: "Começai sempre com um pequeno número; a experiência é a que aconselha nesse sentido".

Assinalemos também, muito especialmente, que se não deve precipitar a formação do primeiro núcleo de monitores. Nada de duravel se pode criar em dois dias.

Recomenda-se igualmente a maior prudência dos Chefes-de-tropa na concessão de permissões para as saídas de patrulhas isoladamente, sob o comando e responsabilidade de seu monitor. Isto não se deve conceder senão quando se conhece a fundo o chefe da patrulha.

Do mesmo modo não devem nomear *oficialmente* os monitores até que tenham preparado convenientemente a seus rapazes para o exame de noviço.

Enfim, toda a nomeação de monitor deve vir precedida de um entendimento entre este e o chefe da tropa, no decorrer da qual o chefe exporá o que se espera de todo o monitor, tanto a respeito dos rapazes que se lhes confia, como do movimento em geral, isto é, da associação escoteira.

Salvo o caso de urgência absoluta, seria um grave erro nomear um monitor sem estes preliminares.

Graças a isto, os monitores levarão certo adiantamento sobre seus escoteiros e sobre o ponto de vista de seus conhecimentos do Escotismo, restando-lhes, unicamente, manter sempre esta vantagem com seu trabalho.

Este livrinho pode terminar com estas palavras de Baden-Powell na primeira edição do "Scouting of Boys":

Em todos os casos recomendo muito especialmente o "SISTEMA-DE-PATRULHAS", isto é, os pequenos grupos sob a direção de um rapaz-chefe.

SEMPRE ALERTA!



ÍNDICE

Preliminar	3
O sistema-de-patrolhas	5
O monitor e o submonitor	7
O comando da patrolha	13
A responsabilidade do monitor	21
O Conselho-de-Monitores	25
O espírito da patrolha	31
Disciplina	35
O Conselho-de-patrolha	41
Instrução da patrolha — As provas e as especialidades — Trabalhos manuais	45
Os jogos na patrolha	55
Concursos entre patrolhas	59
Boas-ações da patrolha	65
Visitas entre patrolhas	67
A patrolha no acampamento	71
Dificuldades	75
Como fundar uma Tropa Escoteira com o sistema-de-patrolhas	77

Ernesto Roth

Junia do Chefe Esquadra
P.O.R.

Ernesto para os filhos
Manuel do Col. d. d. d.
Carmine para o fuzil
Of. rta. de latitudes
que é Esquadra

*Ernesto Roth
Chefe Corvo*

<https://chamaescoteira.wordpress.com>
Mauricio Volkweis - Arquivos Roth

Anotações pessoais do chefe Ernesto Roth,
Chefe Velho Corvo

EDIÇÕES DA U. E. B.

PUBLICADAS

Regulamento das Escolas para chefes de Escotismo	2\$000
Bonifacio A. Borba — Escotismo e Internacionalismo	1\$000
Bonifacio A. Borba — O problema da alimentação racional e economica do Escoteiro	2\$000
Dr. Griffin — Temas praticos para Pioneiros	1\$000
Baden Powell — O caminho para o sucesso	5\$000
Publicações da F. R. G. E. — Estatutos da C. B. E. T.	1\$000
Sistema de Patrulhas	3\$000

PROXIMAS PUBLICAÇÕES da F. R. G. E. (com autorização da U. E. B.)

Baden Powell — O livro dos Lobinhos
Vera C. Barclay — Como organizar uma alca-téa de Lobinhos

Pedidos à Caixa Postal 1734 — Rio de Janeiro
ou a Federação Riograndense de Escotismo
Andradas 1742 Porto Alegre